

60. O Resto É Fácil

Tudo o que Deus quer é um coração disposto e que chamemos a Ele

Em novembro de 1994, o U2 se reúne de novo, em um pequeno estúdio perto de Ladbroke Grove, em Londres, tentando descobrir como eles podem se encaixar depois de um ano longe um do outro. Adam entrou e começou programando teclados. Larry tocou alguns padrões complicados de bateria que impressionaram Bono. (“Estou um pouco surpreso que ele possa tocar dessa maneira, do jeito que ele quer”, Bono ironiza.) Assim como fizeram com *Rattle and Hum* e *Zooropa* - e como desastrosamente não o fizeram com o *Achtung Baby* - a banda está tentando aliviar a criação do seu próximo álbum sem assumir toda a pressão do conceito: INÍCIO DA FASE SEGUINTE DO U2. Oficialmente não iniciarão um novo álbum até a primavera de 1995. Mas, por enquanto, eles vão passar algumas semanas trabalhando com Eno em improvisações que talvez venham a vender como trilha sonora de um filme. (Eles estão exibindo versões preliminares de próximos filmes, procurando o mais indicado).

Eno incita a banda a todos os tipos de exercícios, como a troca dos instrumentos. Edge está tocando o baixo muitas vezes e Bono toca impressionantemente algo de uma guitarra estilo Edge. Durante uma *jam session* com Bono na bateria, o guitarrista Larry surge com um riff de surf inspirado no filme *Pulp Fiction* que está fazendo grande sucesso. Bono diz que uma das melhores coisas sobre essa experimentação é que às vezes uma música completa ganha vida no meio dela: “Uma verdadeira música estilo Elvis Presley surgiu na outra noite. Acho que temos cerca de oitenta peças no total”. Ele faz uma pausa e acrescenta: “Obviamente, cinquenta delas são horríveis, mas ainda assim...”

Ainda assim, é gravado muito material interessante. Bono aponta, com bastante precisão, que Tóquio está surgindo em todas as improvisações. “Achei que teríamos que voltar ao Japão para obter esse espírito de novo”, diz ele, “mas sentimos ele aqui conosco”. Talvez seja apenas o grupo sendo levado à última vez que tocaram juntos, mas é surpreendente que quase um ano depois, essa sensação e inspiração que plana sobre Tóquio continue saindo da música que o U2 está fazendo. Uma improvisação chamada “Tokyo Fast Bass” submerge e se mescla com o frenesi mal organizado da estação de trem de Alta. “Fleet Click” cambaleia como aquelas noites nos becos de neon, mas o que impressiona é que, diferente de quase todas as faixas rítmicas que já ouvi uma banda de rock preparar, não sugere nenhuma limitação do que poderia culminar. A peça poderia ir a qualquer lugar.

Algumas das improvisações chegam ao ridículo - em um experimento no qual Edge, Adam e Bono tocam um padrão sombrio de Fá sustenido menor, um pouco como “Ocean” do Velvet Underground, enquanto Eno faz Larry tocar no teclado um alegre jingle japonês em dó maior. Eno chama o resultado de “Preto e Branco” - porque três membros da banda estão tocando todas as notas escuras (menores) e Larry tocando todas as notas claras (maiores). É uma ideia inteligente, mas ainda soa terrível. O U2 não está preocupado; eles estão se divertindo e fazendo música que ninguém nunca ouviu antes, enquanto Eno exhibe curtas-metragens malucos e pedaços de filmes antigos em um monitor de TV para mantê-los inspirados.

Durante o jantar, uma noite, Edge anuncia que essa nem sequer é uma típica sessão do U2 - isso é Bono, Edge, Larry, Adam e Eno. Ele diz que este grupo de cinco homens tem uma dinâmica totalmente diferente do U2 de quatro integrantes e merece um nome diferente. Ele vota por “Babel”. Também no jantar - em um restaurante descolado chamado All Saints - está a cantora Neneh Cherry e vários de seus colaboradores. O U2 os convidou para colocar seu próprio toque em uma faixa movida a um potente som de baixo que está em *stand by* desde as sessões do Hansa há quatro anos. Durante a produção de *Zooropa*, emergiram novamente, incorporando letras ao longo das linhas de

“Potência nos fios / Potência no satélite / Potência na comunicação”. Depois do jantar, Bono pede ao garçom para colocar uma nova versão da música no toca-fitas do restaurante e ele, Neneh e a amiga de Neneh, Andrea, espalham-na na mesa e improvisam palavras e melodias sobre a música. Bono sugere que eles invertam a noção de potência para o sentido contrário. Logo eles estão cantando “Potência na submissão / potência no desapareço” e alista todas as coisas que alguém deve se desfazer para conseguir passar pelo olho da agulha: distintivos, cor, pele, passes para os bastidores.

Muito depois da meia-noite, a festa - que se expandiu para incluir Fintan, Regine, Anton e muitos outros veteranos da Zoo - fica com pena dos garçons cansados e se muda para Notting Hill até o badalado clube subterrâneo chamado Globe - imortalizado na música por B.A.D. Há uma grande auréola ao redor da lua cheia ao longo do caminho, mas nenhum espaço no clube quando chegamos lá. Lá dentro estão mais alguns veteranos da Zoo, junto com punks, rastas, velhos malucos olhando para o espaço enfumaçado e jogadores de xadrez ignorando o hip-hop estridente. Larry, exausto de tanto trabalho e também por causa do vinho, decide ir para casa dormir. Edge sai com seu irmão, Dick. Dennis Sheehan assume uma posição vigilante perto da porta de entrada. Bono pega um lugar no bar lotado e dança ali mesmo com Neneh enquanto oferece bebidas para todos que se aproximam. Adam, sóbrio há um ano esta semana, ri e aperta a mão de velhos amigos e observa toda a cena com um deleite descontraído.

Depois de mais ou menos uma hora - perto das 3 da manhã - me despeço com um aceno de boa noite por cima da música alta e vou para fora. Algumas coisas sobre o U2 parecem mais claras para mim agora do que no meio da turnê da Zoo TV. Uma delas é o quanto estar na estrada e sob os holofotes por meses afeta a personalidade de todos, e como eles estão diferentes agora depois que tiveram um ano de folga. Bono em particular é muito mais atencioso, muito mais propenso a ver todos os lados de uma questão. Recentemente, ele pediu que, ao escrever sobre nossas viagens, eu não o retratasse “pulando sobre a mesa para fazer pronunciamentos enquanto brandia uma espada”, o que é bastante justo já que quando ele está fora da estrada, ele não age assim. E eu acho que é um pouco difícil para ele acreditar que quando está na estrada ele às vezes faz esse tipo de coisa.

O cabelo de Bono cresceu em seu castanho claro natural depois de dois anos sendo tingido de preto, e sua barba pontiaguda está salpicada no queixo com um pouco de branco. Edge brinca que ele se parece com Buffalo Bill. Eu teria dito que se parece com o General Custer. Ele agora não se parece em nada com *The Fly [a Mosca]* e a Mosca está dormindo agora, mas voltará a ocupar seu lugar num futuro não muito distante. Fui testemunha quando o U2 deu os primeiros passos para ligar toda a sua maquinaria, e tenho a impressão de quão difícil deve ser para cada um deles voltar - não para a banda em si, mas para quem cada um deles é quando a banda está junta. Estes são quatro homens inteligentes, do mundo e autossuficientes, que devem passar metade de suas vidas tentando se encaixar em papéis baseados em conceitos de quem eles eram quando adolescentes. Para que um deles cresça, todos eles precisam crescer. Caso contrário, a fórmula não funciona. Mas você sabe disso - afinal de contas, foi por onde entramos.

Durante o tempo livre, Larry caiu vítima da maldição que atinge muitas pessoas quando se mudam para Nova York: porque em Manhattan é possível trabalhar o tempo todo (já que é uma cidade que nunca dorme) e foi o que ele fez. Ele aprendeu muito sobre música e se libertou como baterista de modo que ele deseja continuar a explorar novos sons. Mas Larry se pergunta para onde foram suas férias - ele quase nunca se socializava ou relaxava.

Adam também trabalhou duro, mas encontrou tempo para se divertir. Algumas semanas atrás, o encontrei com alguns amigos em um clube em Nova York e me lembrei de como ele é um personagem notável. Um dos amigos de Adam me disse que anos atrás teve que fazer um discurso assumindo uma posição política impopular em uma universidade irlandesa. Ele estava muito

nervoso e, quando subiu ao pódio, olhou para baixo e viu Adam sentado na primeira fila, dando-lhe apoio moral. Isso, disse ele, é o tipo de coisa que Adam faz o tempo todo, de cem maneiras diferentes. Ele nunca pede considerações especiais para si mesmo, mas quando ele nota alguém que parece estar desconfortável ou passando por um mau momento, Adam se aproxima e se certifica de que a pessoa se sinta bem-vinda. Adam parece ter se especializado em deixar as pessoas saberem que não estão sozinhas.

Ao fugir para a América, Adam e Larry conseguiram evitar algumas tarefas desanimadoras em Dublin - incluindo os esforços contínuos para redesenhar o *Clarence*, o hotel que o U2 comprou. Bono e Edge acabaram tendo longas reuniões durante as quais eles às vezes olhavam um para o outro e diziam: "Estamos realmente sentados aqui discutindo sobre *garfos*?" Durante uma dessas conferências, Bono insistia que todos se dirigissem uns aos outros por seus novos nomes. Edge, por exemplo, era "Mr. Comfort".

Eles tinham coisas mais importantes para fazer. A estação Zoo TV parece destinada chegar às redes de TV americanas em blocos de duas horas, pulando de canal em canal. E embora nada na indústria do cinema seja fixo até que esteja filmado, parece provável que *The Million Dollar Hotel* será feito afinal - por Wim Wenders.

É um mundo notável que o U2 construiu para si mesmo, um mundo que absorve o que acontece do lado de fora (na semana passada, o presidente Clinton recebeu uma dura repreensão nas eleições parlamentares na metade de seu mandato dos Estados Unidos - ambas as câmaras do Congresso se tornaram de maioria republicanas pela primeira vez em nossas vidas. Hoje, o primeiro-ministro irlandês, Albert Reynolds, foi forçado a renunciar), mas continua sob suas próprias regras. O U2 imaginou seu próprio mundo e então o criou.

Quando o U2 começou, com apenas quatro adolescentes que mal sabiam cantar ou tocar, eles pensavam que seriam uma banda de rock & roll mundial na tradição dos Beatles, dos Stones e do The Who. Eles pensavam assim contra todas as probabilidades absurdas e evidências esmagadoras do contrário. E eles estavam certos. Eles acreditaram, e sua crença foi recompensada cem vezes mais. O que os faria parar de acreditar agora?

Conversei com o pai de Bono sobre esse lado do filho (que ele se recusa a chamar de Bono) e um verdadeiro orgulho paternal começou a rachar a dura superfície desse velho dublinense: "Lembro-me de um dia ter dito claramente a ele: 'Espero que você perceba que isto pode ser muito transitório. Em seis meses você pode ser um fracassado'. Pelo que sei do rock & roll e do entretenimento, é isso o que acontece. Você está lá em cima hoje e amanhã já não é nada". E o Paul me disse: 'Pai, se a gente desaparecesse amanhã, eu aceitaria tudo. Eu estou bem preparado'."

"Agora, se ele está ou não está, eu não sei. Acho que os últimos dois anos foram uma mudança. Lembro-me de quando eles começaram. ... Poderia te dar uma ideia... tenho uma carta que ele escreveu para mim".

E com isso Bob Hewson sai em busca de algo que ele estava guardando desde 1980. Ele vasculhou por um tempo e voltou para sua sala com uma carta escrita a mão de várias páginas em um envelope amarelo. Ele se recostou na cadeira e a desdobrou com um cuidado que, se não fosse um personagem tão rude, quase poderia ser chamado de sentimental.

"É de quando eles começaram", explicou. "Bem do começo. Talvez te dê uma ideia. Ele nem sabe que eu tenho esta maldita carta". 'Olá, pai. . .

"Apenas uma carta para avisar que seu filho está bem e que pelo menos aprendeu a escrever na escola. Comecei esta carta em um hotel em Birmingham. ... A cidade é um pouco bagunçada. É difícil saber o que faz as pessoas desejar morar em um lugar como este. Até as casas parecem pequenas

latas de biscoitos. De qualquer forma, estamos aqui, outra parada na estrada. Estou ansioso para o show desta noite, enquanto a turnê continua. A banda está cada vez mais forte e mais unida. As noites que tivemos no Marquee foram muito bem sucedidas. A cada segunda-feira a multidão fica cada vez maior, uma coisa que não acontecia no Marquee há muito tempo em uma noite de segunda-feira. No show da semana passada fizemos três *encores*¹ a pedido do público. O single vendeu mil cópias e pela primeira vez ele está sendo colocado na programação para tocar durante o dia na Radio One. Há quatro DJs nos procurando agora. É só uma questão de tempo para nossas músicas estarem tocando nas rádios. Fizemos também duas sessões de rádio. Isso quer dizer que estivemos num estúdio da BBC e fizemos três músicas para a rádio.

“Paul McGuinness está na América no momento planejando nossa ida para lá. Temos agora um cronograma aproximado do que faremos para o próximo ano’.”

Bob riu e disse: “Em uma das datas aqui, ele diz, ‘12 de novembro - começa a segunda *leg* [etapa da turnê] da Batalha da Grã-Bretanha’.”

Ele folheou até a próxima página e continuou lendo: “Então, como você pode ver, o que antes era um sonho agora é muito real. Mas entenda que por trás do brilho há muito trabalho árduo pela frente, e espero que seja muito divertido. Eu sinto falta de casa, de você, de Alison Stewart, das salsichas, e até mesmo das nossas discussões ocasionais.

“Você deve estar ciente de que no momento três do grupo são cristãos comprometidos. Isso significa fazer ofertas a Deus cada dia, reunir-se pela manhã para orações, leituras e deixar Deus trabalhar em nossas vidas. Isso nos dá uma força e alegria que não depende de bebida ou drogas. Essa força será, acredito, a qualidade que nos levará ao topo da indústria da música. Espero que nossas vidas sejam um testemunho para as pessoas que nos seguem, e para o mundo da música, onde nunca antes houve tantas pessoas perdidas e tristes reunidas em um só lugar fingindo que estão se divertindo. É nossa ambição fazer mais do que boa música.

“Eu sei que você deve achar isso uma ambição ridícula, mas comparando onde estávamos quando começamos com o lugar onde estamos agora, o resto é fácil.

“Sendo mais velho e mais sábio, eu sei que deve achar difícil aceitar o que estou dizendo. Mas tudo o que Deus quer é um coração disposto e que chamemos a Ele. Ser jovem e problemático pode ser uma vantagem, no sentido de que você começa a questionar as coisas ao seu redor. A Bíblia diz: busque e você encontrará, bata e a porta será aberta. À medida que as pessoas envelhecem, elas podem se tornar cínicas. Elas param de fazer perguntas.

“Não acho que você tenha parado de fazer perguntas. Nem espero que você acredite que tenho todas as respostas. Não as tenho e continuo cometendo erros ... Mas estou tentando cada dia e Deus é grande. De qualquer forma, como você pode ver, estou passando bem’.”

Bob Hewson parou de ler e dobrou a carta com cuidado. “Não tenho a data dela, mas foi há muitos anos”, disse ele. “É disso que eu estava falando antes; eles tinham essa coisa de serem cristãos comprometidos. Eles acreditavam no que faziam e apresentavam essa imagem, principalmente, para o público americano. E acho que, talvez, eles se perderam na transição entre aquela época e agora. Acredito que isso seja uma coisa ruim”.

Eu digo a Bob que talvez o U2 não tenha perdido o sentido do plano de Deus para eles. Nada do que eles fizeram contradisse sua fé inicial, embora eles possam ter se tornado menos óbvios em

¹ Encore: uma performance adicional em resposta à demanda do público.

professá-la e, sim, até caminharem um longo caminho nas sombras para ver se poderiam encontrar o caminho de volta à luz.

Bob encolhe os ombros. “Você mencionou o plano de Deus”, disse ele. “Há algo que eu esqueci e que minha cunhada me lembrou recentemente. Anos atrás, antes de qualquer um dos meninos nascer, minha esposa e eu fomos para Sligo¹ por uma semana. Ela foi até uma cartomante e a cartomante disse à minha esposa que ela teria dois filhos, um deles teria o P como inicial e ele seria famoso em qualquer coisa que fizesse. Não é extraordinário? Eu havia esquecido disso por anos e minha cunhada me lembrou disso alguns meses atrás”.

Eu lhe disse que a mãe de Bono talvez tenha se lembrado disso e deu a Paul um encorajamento extra. Bob achou que isso era bobagem. “Nah”, ele bufou. “Isso seria forçar um pouco. Na verdade, um dos meus arrependimentos é que ela nunca viveu para ver isso. Mas talvez, de algum lugar, ela ainda esteja olhando para ele”. Ele encolheu os ombros. “Nós não sabemos”.

Ele se sentou e olhou pela janela, para o mar prateado da Irlanda. Achei que era hora de eu sair e pegar a estrada. Então Bob disse: “Lembro-me de quando ele tinha cerca de três anos, era apenas uma criancinha. Ele estava no jardim dos fundos. Ele se aproximou de uma flor e viu uma abelha. Ele estendeu o dedo, levantou a abelha, falou com a abelha e a colocou de volta na flor. Ele provavelmente não se lembra, acho que nunca mencionei isso, mas ainda lembro do horror que eu e minha esposa passamos. Ele poderia ir de flor em flor colhendo abelhas e nunca seria picado”.

O pai de Bono desviou o olhar, como se estivesse observando novamente o seu exasperante filho no jardim, e disse: “Incrível, não é?”

¹ Sligo é um condado da província de Connacht, no oeste da Irlanda.

Agradecimentos

Ellen Darst me trouxe para o mundo do U2 em 1980 e trabalhou para me manter lá para sempre. Obrigado, Ellen. Agradecimentos especiais também a todos que fizeram me sentir em casa durante o tempo na estrada: a sensual Sheila Roche, a adorável Suzanne Doyle, o confiável Dallas Schoo, a imperturbável Regine Moylett, o firme Dennis Sheehan, o equilibrado Joe O'Herlihy, Soulful Willie Williams, Fightin' Fintan Fitzgerald, a misteriosa Morleigh Steinberg e Rosencrantz e Guildenstern, de Windmill Lane - Ned O'Hanlon e Maurice Linnane.

Obrigado também aos notívagos Ossie Kilkenny, Eilenn Long, Bret e Theresa Alexander, Bill Carter, Nassim Khalifa, Helen Campbell, Ian Flooks, Anton Corbijn, Sharon Blankson, Tim Buckley, Kerry Anne Quinn, Bob Koch, Laura Jean Ferentz, Paul Oakenfold, Des Broadbery e o esquadrão de segurança - Jerry Mele, Eric Hausch, David Guyer, Darrel Ives, Tim Ross e L. Scott Nichols.

Em Dublin, obrigado pela ajuda e hospitalidade a Garvin e Gwenda Evans, Dick Evans, Ali Hewson, Bob Hewson, Sebastian Clayton, Sr. e Sra. Gavin Friday, Flood, Brian Eno, Willie Mannion, BP Fallon, Derek Rowan (Guggi), Fachtna O'Ceallaigh, Jim Sheridan, Sinéad O'Connor, Paul Barrett, Lindsey Sheehan, Candida Bottaci, Sandra Long, Barbara Galavan e todos do Principle. Uma genuflexão especial na direção de Anne-Louise Kelly, sem a qual nada disso seria possível e tenho certeza de que ela muitas vezes desejou que não fosse mesmo.

Nos Estados Unidos - obrigado primeiro aos meus velhos amigos Keryn Kaplan e Dan Russell. E à Susie Smith, Catherine Owens, Tom Freston, Judy McGrath, Jeff Jones, Jeff Pollack, Carter Alien, Phil

Joanou, Jimmy Iovine, Peter Buck, Hyacinth Amero, Nathan Brackett, George Regis, Nancy Sullivan, Ina Meibach, Rick Dobbis, Dennis Fine, Cameron Crowe, Holly Peters, Bess Dulany, Barbara Skydel, Frank Barsalona, Sue e Kevin Godley, Holly George-Warren e à todos na Rolling Stone Press, Paul Wasserman, Brian O'Neal, Richard Lloyd, Heather M. Beckel, à Igreja Metodista Glide Memorial United, os Ministérios de Billy Graham, Rhonda Markowitz, Michael Shore, Al Dunstan e o inimitável Hal Willner. Tenho uma dívida enorme com todos na revista *Musician*, especialmente Mark Rowland.

Por favor, deem um grande aplauso aos nossos convidados especiais - R.E.M.! Naomi Campbell! Christy Turlington! Bruce Springsteen! Axl Rose! Salman Rushdie (um cara tão legal que depois da primeira hora esqueci de tentar receber a recompensa). Gary Oldman! Lou Reed! Peter Gabriel! Pearl Jam! Mick Jagger! Bob Dylan! Van Morrison! Sting! Frank Sinatra! John Lydon! Randy Newman! Aimee Mann! Robbie Robertson! Vamos todos nos juntar e fazer um show beneficente.

Obrigado pelos bons conselhos - T-Bone Burnett e Sam Phillips, Elvis Costello e Cait O'Riordan, Jeff Rosen, Jim Stein, Lavinia Trevor, Thom Duffy, John Telfer, Ed Bicknell e Mark Knopfler. Obrigado a Betsy Bundschuh por entender isso desde o início.

Todas as reportagens e entrevistas neste livro são minhas, exceto onde cito outra fonte no texto. Fred Schruers teve a gentileza de fazer a Dan Lanois algumas perguntas para mim quando ele entrevistou Dan para o *Musician*. Obrigado, Fred. Meu trabalho no capítulo sobre as mudanças vindouras na tecnologia da comunicação me levou a pedir a Fred Goodman que escrevesse uma história sobre esse assunto para o *Musician*. O relato de Goodman, por sua vez, me deu novas informações, que usei no livro. Que tal uma cobra comendo o rabo? Ignorei a exclamação de Bono ao ouvir que Clinton havia sido eleito em um artigo de Paul Du Noyer na revista *Q*.

Adam Clayton, Bono, Edge, Larry Mullen e Paul McGuinness têm a reputação de exercer um controle rígido sobre o acesso da mídia ao U2. Não é, de modo geral, um escândalo. Mas quando os abordei sobre a cooperação com este livro, eles concordaram em me dar acesso ilimitado à banda e sua organização e não pediram nada em troca - nenhuma aprovação do manuscrito, nenhuma remuneração financeira, nenhum controle de qualquer tipo. Minha experiência ao escrever sobre pessoas conhecidas é que você não pode prever o que eles vão gostar e o que os deixará com raiva. Parece muito improvável que eu pudesse escrever um livro inteiro sobre o U2 e não causar alguns ressentimentos. Essa é a natureza da biografia; é a natureza do jornalismo e da crítica. Sou muito grato a eles por me deixarem chegar tão perto.

Larry Mullen disse-me no início deste projeto que se sentia confortável com isso porque fui apresentado ao U2 em 1980 como jornalista e, por mais amigos que tenhamos nos tornado, esse continuou sendo nosso relacionamento. Não havia dúvidas entre nós sobre confidências sendo traídas ou motivos sendo questionados. Se eles dissessem ou fizessem algo na minha frente, era um jogo justo. Durante os meses em que viajei com o U2, eles foram extraordinariamente abertos e generosos comigo, mas ambos sabíamos que, se não queriam que algo fosse publicado, deveriam mantê-lo longe de mim.

Deve ter havido ocasiões em que o U2 lamentou que eu estivesse por perto, mas eles nunca tentaram me fazer enterrar alguma coisa. Eles tomaram a melhor atitude que qualquer um pode ter com um escritor profissional: “Eu sabia que ele era um escorpião quando o coloquei nas minhas costas”.

Eu pensei muito sobre por que uma banda sem nada a ganhar me deixou ir tão longe, e acho que a resposta está em uma entrevista que fiz com Bono há dez anos. Ele disse: “Eu aspirava ser um cantor de soul”, e ele explicou: “Um cantor se torna um cantor de soul quando decide se revelar ao invés de se esconder”. Apesar de todos os óculos de sol, fotos aprovadas e modelagem de imagens que

eles aprenderam desde então, o U2 ainda acredita em seus corações que a verdade os justificará e os libertará. Eles ainda revelam tudo quando tocam suas músicas. Eles são cantores de soul agora.

- *Bill Flanagan New York, Janeiro de 1995.*

BILL FLANAGAN foi o editor da revista *Musician* de 1985 a 1995 e é o autor de *Written in My Soul*. Ele escreveu para o *The Boston Globe*, *Rolling Stone*, *Vanity Fair*, *Spy* e muitas outras publicações. Ele mora em Nova York com sua esposa e três filhos.

A tradução

De março de 2018 a fevereiro de 2021. Quase três anos depois temos a alegria de finalizar esta tradução. Como foi prazerosa essa jornada junto com o U2 acompanhando-os em uma das fases mais interessantes de sua carreira, através da leitura desse livro à medida que fazíamos a tradução. Agradecemos a todos que se empenharam em realizar esse feito, que há muito era de nosso desejo.

A ideia original para a tradução desse livro é antiga. Foi em 2006 que nosso amigo Cícero D'ávila Oliveira começou a traduzi-lo e postar os capítulos traduzidos na antiga lista de discussão do Ultraviolet U2 Fan Club (um veículo de comunicação entre os fãs por e-mail, que durou vários anos). No ano seguinte, esse trabalho foi assumido por vários fãs que participavam da lista, mas logo parou, retornando em 2012 com a ajuda dos participantes do extinto fórum MOFO, amigos e parceiros da UV, mas também parou no mesmo ano. Somos gratos a todos esses que estiveram em um tempo ou outro envolvidos nesse trabalho.

Retornando em 2018, foi formada uma nova equipe entre os fãs da Ultraviolet para começar a tradução do zero. Por que começar tudo de novo um trabalho que em parte já havia sido feito? Um dos motivos foi que com o avanço da tecnologia, novas plataformas de tradução, dicionários e aplicativos estavam a nossa disposição para alcançarmos o máximo possível a exatidão que queria transmitir o autor. O livro foi traduzido por voluntários que tinham suas obrigações diárias e que faziam o que podiam em benefício do projeto, encaixando a tradução nas suas rotinas diárias, muitas vezes trabalhando no livro até altas horas da noite. Mas, contamos com a ajuda de profissionais da área de tradução, que não fizeram a tradução em si, mas que serviram como consultores quando era preciso entender alguns termos ou figuras de linguagem mais difíceis.

E aqui estamos, com essa obra prima traduzida para o português. Algumas particularidades dessa tradução é que foram inseridas notas de rodapé, onde contém explicações de alguns termos em geral não conhecidos pelos leitores brasileiros. Também mantivemos alguns termos originais em inglês a fim de preservar o clima da ideia original do texto, mas estes termos aparecerão logo em seguida traduzidos entre colchetes.

Enfim, esperamos que todos possam apreciar esse trabalho, quer para uma leitura divertida, quer para consulta ou conhecimento da banda e suas obras.

Créditos

Tradutores: Aline Maria, Cris Araujo, Gracia Cardeal, Jardel Lemes, Mari Carla Giro, Mariana de Castro, Patrícia Moura, Paulo Lilla e Ronan Vargas.

Consultoras: Ana Vitti, Luciana Pavanelli e Valdenir Vanalli Filho.

Revisão e Edição: Cris Araujo.

Apoio: Ultraviolet – U2 Fan Club Brazil.

